

**“ANSELMO”**  
**REPRESENTAÇÕES, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA SOBRE A LENDA DA COBRA  
GRANDE, NA CIDADE DE MAUÉS.**

Geovana Natiely Alves Lino<sup>1</sup>  
Arcângelo da Silva Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa tem como tema de interesse a lenda da Cobra Grande, inscrita na cidade de Maués. Mais conhecida como lenda de Anselmo, figura popular maueense que se cristalizou no imaginário popular, tomando uma das formas místicas mais comuns no interior do Amazonas, o encantado. Desta forma, elucida-se a importância da lenda para a construção de um saber histórico para a sociedade maueense, com o objetivo fazer um breve estudo sobre as representações deste imaginário presente na oralidade, na literatura e na historicidade da sociedade brasileira. Para tanto, utiliza-se como fonte obras literárias, depoimentos orais publicados em livros e a memória da lenda em determinados moradores da cidade de Maués. Constatou-se que a referida lenda ganha proporção nacional desde a publicação da obra *Cobra Norato*, de Raul Bopp, ao lado disso, com os estudos do folclorista Câmara Cascudo, assim como através da literatura amazonense, inclusive, toadas de Bois-Bumbás. A intenção final foi elaborar uma determinada historicidade da representação do imaginário de Anselmo e, assim, contribuir com o significado histórico e cultural dessa lenda para os habitantes da cidade de Maués.

**Palavras-Chave:** Lenda da Cobra Grande; Anselmo; Cultura Popular; Maués.

## **Introdução**

As narrativas resultam de uma voz que narra uma história a partir de um determinado ponto de vista (o foco narrativo).  
(SABOIA, 2016, p. 10).

A narrativa desta pesquisa carrega o corpo/voz do município onde nasci, Maués-AM<sup>3</sup>. Duas são as peculiaridades mais evidentes desta cidade, as praias e a crença nos encantados. Lembro-me que através da minha avó, Gecilda Alves, tive o primeiro contato sobre a lenda de Anselmo, objeto de interesse deste trabalho de conclusão de curso.

Durante o processo desta pesquisa, fragmentos da minha infância e adolescência surgiram de forma muito vívida da cidade onde fui criada, município de Maués-Amazonas.

---

<sup>1</sup> Graduanda do 8º período do curso Licenciatura Plena em História, 8º período, no Centro de Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA).

<sup>2</sup> Dr. Em História Social na Amazônia (PPHIST/UFPA). Professor de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA).

<sup>3</sup> Município do Estado do Amazonas, Maués fica distante de Parintins, aproximadamente, 15 horas de embarcação regional.

Passei boa parte da minha criação junto dela, na rua Parauari no Bairro do Éden no município de Maués-AM, e todas as noites antes de dormir, ela me contava diferentes histórias e a que mais me marcou e despertou curiosidade foi a do Anselmo.

Em 2017, mudei-me para a cidade de Parintins-AM em busca de melhor condição de estudos, concluí meu Ensino Médio no Instituto Federal do Amazonas- IFAM, e logo entrei para a faculdade Curso de História da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ali minha trajetória como pesquisadora inicia-se. Como discente e finalista do curso, decidi elaborar meu TCC baseado na lenda da minha cidade, lenda então que marcou diversas gerações, inclusive a minha.

Os objetivos dessa pesquisa são: Recuperar as narrativas orais sobre a lenda do Anselmo; analisar o significado simbólico da lenda, assim como, as divergências e convergências escritas nas narrativas orais; comparar as narrativas orais com as narrativas literárias sobre a lenda da Cobra Grande elaboradas por literatos Amazonenses e Paraenses e Analisar Historicamente a importância da lenda para a construção de um saber histórico para a sociedade Maueense.

Para alcançar os objetivos, faz-se uso da História Cultural, visto que, a principal fonte será a partir da literatura, e da História Oral. Assim:

Afirmar que a literatura integra o repertório das fontes históricas não provoca hoje qualquer polêmica, mas nem sempre foi assim. Mais do que isso, nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo (FERREIRA, 1973, p.61).

Porém, não utilizamos aqui a História oral como método. Adotamos a oralidade como fonte, extraídas de determinadas publicações, conforme será indicado linhas adiante.

Outro aspecto a ser pensado neste trabalho de pesquisa gira em torno do imaginário, sua representação e historicidade. Nesse sentido, toda comunidade tem um acervo historiográfico real e o seu correspondente imaginário, a construção da identidade de um lugar orbita em torno desses dois polos, aquilo que evidentemente aconteceu e aquilo que ficou gravado no imaginário popular. É comum que história e imaginário se entrelacem com o passar dos anos e das gerações, especialmente quando o fato histórico tem como principal suporte de sobrevivência o contar de pai para filho, mãe para filha, avós para netos e etc.

Para Trindade e Laplatine (1997), a imaginação pode ser compreendida como tudo aquilo que não existe, um mundo oposto à realidade concreta. O imaginário é, pois, tudo aquilo

se constrói em oposição à realidade dita concreta e a tudo aquilo que se manifesta, imagina-se que se é capaz de transformar e reconstruir o real. Em decorrência da subjetividade presente no termo, a construção do imaginário depende muito do lugar, da cultura, e das representações:

O imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade. [...] A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, a representação que os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real (TRINDADE; LAPLATINE, 1997, p.80).

Esse é o caso da figura histórica Anselmo, um personagem da história que deixou marcas no imaginário popular. Há pouco consenso acerca do que é história e do que é lenda a respeito deste indivíduo, também há um fluxo muito grande de versões em relação dos acontecimentos de sua vida, todos eles à sua maneira desembocando para o evento do seu encantamento e desaparecimento nas praias da Ponta da Maresia<sup>4</sup>.

Anselmo é uma lenda do passado relativamente recente da cidade de Maués, nem tão longe que não se possa rastrear a sua origem, nem tão perto que se possa livremente conversar com as pessoas que conviveram com o indivíduo. As testemunhas oculares da vida desta personalidade normalmente são avós hoje e, conseqüentemente, eram netos antes.

Como diferir o indivíduo da lenda? Como calcular a importância da lenda para a construção da identidade do município? Por que existem tantas versões diferentes da mesma história? O que é história e o que é mito? Essas e outras perguntas são indagações que estimulam esta incursão pesquisadora e a razão pela qual se pretende debruçar nas fontes orais e escritas, acerca da lenda do Anselmo.

### **Literatura, oralidade, imaginário e História**

A literatura como fonte histórica, baseia-se na verossimilhança, que vem ser essa imitação da realidade. Antônio Celso Ferreira, trata essa questão e alguns aspectos indagando o leitor e o fazendo refletir sobre esse campo da história. Celso nos deixa claro que a literatura

---

<sup>4</sup> A Praia da Ponta da Maresia é a mais famosa da cidade, principalmente no período da Festa do Guaraná. Recebeu o nome de Maresia, em razão dos banheiros do rio que contorna as praias que é chamado de Rio Maués-Açu. Famosa também por estar atrelada ao encantamento e desaparecimento de Anselmo, conta-se que por volta do 12h Anselmo foi pescar, deixou em cima da canoa sua camisa e calça branca e seu chapéu virado para cima e ao pular na água não retornou mais.

sim, é uma fonte de muita colaboração, capaz de fornecer insights valiosos sobre a sociedade e a cultura de determinado período. Senão, vejamos:

A literatura não documenta o real nem constitui representação semelhante aos discursos científico, filosófico, político, jurídico ou outros. Nestes últimos, as metáforas e outros recursos imaginativos são controlados ou mitigados pela intenção de objetividade, que se manifesta no discurso referencial, isto é, comprometido com a veracidade da realidade do exterior. [...] Segundo tal perspectiva, portanto, o texto literário é sinônimo de ficção-ou fingimento-, destinado a entreter ludicamente o leitor, transportando-o para universos imaginários. (FERREIRA, 2011, p.66).

Nessa perspectiva, adotaremos a literatura como fonte de História. As fontes orais também foram relativamente utilizadas. Por meio de entrevistas e da reconstrução das diferentes versões acerca do mito. Entendemos que:

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, Pág.4)

É importante salientar que a oralidade está relacionada com a construção da identidade de uma comunidade inteira e previne o apagamento dos saberes culturais cristalizados na comunidade ao longo dos tempos. Nesse sentido, se quisermos utilizar as palavras de um renomado pesquisador da História cultural, podemos asseverar que, no caso do encantado Anselmo:

[...], pode-se conhecê-lo aprendendo a olhá-lo, a escutá-lo, a observá-lo e acompanhá-lo em suas expressões [...] O outro é sujeito, uma subjetividade que procura adaptar-se ao mundo externo, transformando-o [...] Ele não é inteiramente opaco, pois aparece e se dá a conhecer em suas 'expressões' e 'manifestações de vida', que levam o historiador ao seu interior. O mundo histórico é um mundo de expressões, de sinais, símbolos, mensagens, gestos, ações, criações, artes, cores, formas, posturas, normas, escolhas, produzidas por sujeitos vivos e agentes. (DILTHEY, 2013, PÁG.113)

Daí, ser a oralidade um recurso eficaz para a apreensão de memórias sobre Anselmo, o encantado. Porém, a oralidade é volátil, tende a desaparecer quando algo ocupa seu lugar, narrativas lendárias e mitológicas quase sempre estão vulneráveis a esse apagamento. Documentar essas narrativas e conectá-las com os acontecimentos históricos é garantir que o futuro continuará conhecendo tanto aquilo que realmente aconteceu, quanto à produção cultural ligada ao imaginário popular mauesense.

## **Algumas representações sobre a lenda da Cobra Grande**

O Folclore Popular Brasileiro tem uma imensa diversidade de contos, mitos e lendas que seria impossível tentar descrever essa pluralidade nesta pesquisa. Portanto, direciono o foco deste trabalho para um dos fenômenos mais expressivos do nosso folclore, para sustentar o imaginário da população maueense, a lenda da Cobra Grande Anselmo, conhecida somente naquela região, lugar onde nasci.

Nas obras de autores como Câmara Cascudo, Mário de Andrade e outros notamos a grande relevância dos contos populares para o fortalecimento do folclore brasileiro. Cascudo (2004) pontua que “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos (CASCUDO, 2004, p.12)”.

Diante disso, observamos as diferentes representações da lenda da Cobra Grande, que está atrelada em várias culturas com diferentes interpretações, algumas mais populares são apresentadas/encenadas em festejos folclóricos como a famosa lenda das Cobra Norato e Caninana, geradas da cobra Boiuna com um humano, que foi representada na arena no Festival Folclórico de Parintins pelo Boi-Bumbá Garantido<sup>5</sup> em 2022, e em uma série da Netflix chamada “Cidade Invisível”. Caninana e Norato eram dois irmãos, com temperamentos conflitantes, uma representação do bem e o mal. Já no Festival de Caracarái, Sul do estado de Roraima, a cobra grande ganha o nome de Cobra Mariana e em Maués, conhecida apenas naquela cidade, o imaginário do caboclo maueense dá vida a Lenda do Anselmo do rio Maués Açu.

A ideia de uma megafauna secreta, que reside no coração selvagem da Amazônia, data desde as primeiras expedições feitas pelo norte do Brasil, as gravuras que os colonizadores utilizavam para ilustrar seus diários de bordo e os demais registros que construíram acerca do seu progresso pelos rios sinuosos do Norte do Brasil já evocavam a imagem de grandes serpentes escondidas dentro dos rios e das matas. Os encantados, as lendas, os mitos já permeiam o universo amazônico muitos antes das grandes colonizações.

---

<sup>5</sup> É um dos dois bois folclóricos que competem anualmente no Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas. Desde a sua criação, em junho 1913, o Garantido se apresenta com um coração na testa, e suas cores, vermelho e branco, foram adotadas pelos torcedores.

E para ilustrar a popularidade desse fenômeno folclórico – Cobra Grande – trago em poesia a letra da toada “Quando Honorato lutou com Caninana”, representada na Arena do Bumbódromo<sup>6</sup> pelo Boi-Bumbá Garantido. Dos compositores Alfredo Campos, Cíntia Mesquita, Menciús Melo e Rubens Alves (2022):

Vem rasgando a escuridão/ Deixando escamas no chão/ Gigantesca assombração/ Cobra Norato! / Vem abrindo mil clareiras/ A boiuna serpenteia/ Espalha o medo na ribeira/ É Caninana! / Pelas correntezas do rio ou no banheiro bravio/ Vão os dois irmãos/ Que a maldição aprisionou no cio! / Ele admira o luar/ Ela pura destruição! / O terror tem que parar/ Honorato vai falar! / És Caninana, a perigosa! / Tu és serpente. Misteriosa! / A Majestade, a poderosa! / E contra ti eu vou lutar! / Canina vai falar! / Sou caninana, a perigosa! / Sou a serpente misteriosa! / A Majestade, a poderosa! / Cobra Honorato: Vou te matar! / Vem rasgando a escuridão/ Deixando escamas no chão/ Gigantesca assombração/ Cobra Norato! / Vem abrindo mil clareiras/ A boiuna serpenteia/ Espalha o medo na ribeira/ É caninana! / O combate então começou! / Caninana como fêmea lutou! / Mas Tupã interferiu/ E da cobra então surgiu/ A cunhã, a bela mulher! / Cunhã Poranga como a paz a dançar! / Todo povo a cantar / Cunhã Poranga vai chegar! / É caninana! / É caninana! (Garantido, 2022).

No Festival Folclórico de Parintins é comum os Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido trazer nas suas apresentações lendas, mitos e ritos do imaginário do folclore brasileiro. Na primeira noite do Festival (2022), o Boi-Bumbá Garantido apresenta na arena do Bumbódromo, a lenda das cobras grandes Honorato e Canina – como na letra da toada citada acima – uma grande batalha artística é encenada diante dos olhos dos espectadores. Na representação, dois grandes módulos alegóricos trazem a superlatividade da imaginação do artista parintinense, enquanto dois grupos de brincantes realizam a luta “colossal” (fala o apresentador do boi), entre musicalidade, iluminação e plasticidade coreográfica, o espetáculo, em minha visão de espectadora, contemplou até o público contrário que estavam na arena.

Diferente da lenda escrita por Raul Bopp (1931), onde Honorato mata Caninana, o Boi Garantido traz novos elementos a partir dessa narrativa tradicional, acompanhado de um cenário metade indígena e metade caboclo. Em vista disso, Honorato não irá matar Canina, Tupã<sup>7</sup> irá intervir, transformando a cobra em uma linda mulher, representada pela Cunhã- Poranga<sup>8</sup>. Com isso, o Boi Garantido alegoricamente transforma Caninana, uma figura maléfica, em um ser feminino belo.

---

<sup>6</sup> O Centro Cultural de Parintins, mais conhecido como Bumbódromo. É o local onde ocorre o tradicional Festival Folclórico de Parintins, uma das mais importantes festas populares do país, reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional .

<sup>7</sup> Tupã significa deus do trovão, na língua tupi-guarani. Os indígenas denominaram como seu deus supremo.

<sup>8</sup> Elemento indígena por excelência, a Cunhã-Poranga é uma personagem feminina que representa a mulher indígena e se coloca como uma exaltação à beleza nativa.

## **A Representação do Personagem Anselmo como Encantado na Lenda da Cobra Grande**

Em setembro de 2023, na pesquisa de campo no Município de Maués, realizei algumas visitas técnicas em algumas instituições, como o Museu do Homem de Maués<sup>9</sup>, que infelizmente nenhum registro foi encontrado sobre a lenda. Posteriormente visitei o Memorial Casa Faraco<sup>10</sup>, onde conheci o Historiador e Professor Luisinho, responsável pelo atendimento aos visitantes, foi seu Luisinho que me direcionou ao Professor Aldemir Bentes, possibilitando dialogar com a oralidade e, por extensão, com a cientificidade. Na esperança de encontrar materiais publicados, artigos, TCCs sobre o assunto pesquisado, direcionei meu foco a biblioteca da UEA Maués, apenas 01 documento escrito havia no acervo, a 1ª edição do livro de seu Aldemir Bentes.

A partir daí, iniciei uma conversa informal com seu Aldemir e logo marcamos uma entrevista, que se encontra em anexos. Durante o processo de pesquisa, percebi a expressiva ausência de registros acerca do tema. Hoje com a velocidade da tecnologia, aparelhos celulares, internet e outros, o ato de reunir-se para contar histórias como antigamente minha vó fazia comigo e meus primos, está cada vez mais invisível.

Portanto, considero esta pesquisa importante para manter viva a tradição da minha cidade. Como pontuado pelo Professor Aldemir Bentes:

Culturalmente falando, a Lenda do Anselmo contribuiu muito para manter as tradições, os costumes, as crenças dos ribeirinhos e reforçar as nossas lendas, sobre esse aspecto. Com o intuito de preservar os nossos costumes e memórias, então nisso contribuiu muito a lenda do Anselmo e contribui até hoje (BENTES, 31 de janeiro de 2024)<sup>11</sup>

Na perspectiva cultural, social e religiosa, a lenda do Anselmo, potencializa a identidade da sociedade daquele lugar. Quando falamos sobre a lenda do Anselmo, automaticamente somos remetidos ao Município de Maués, ou seja, assim como as Lendas do Guaraná,

---

<sup>9</sup> Museu do Homem de Maués, foi inaugurado em novembro de 2009, com exposição permanente de peças arqueológicas com mais de mil de anos, painéis informativos das administrações municipais, peças etnográficas e outros atrativos históricos do passado de Maués.

<sup>10</sup> Construída em 1902, mostra exposições permanentes contando toda a trajetória da vinda dos italianos para Maués e a comercialização do fruto e de que forma eram feitas as transações naquela época.

<sup>11</sup> Informação obtida através do aplicativo *Whatsapp*.

Cereçaporanga e do Curumim, apresentadas na Festa do Guaraná<sup>12</sup>, a Lenda do Anselmo faz parte dessa pluralidade do caboclo maueense.

Do mesmo modo, a transposição do fato histórico para o mito não é nenhuma novidade na história da humanidade. É muito comum que na ânsia de imprimir significado a um acontecimento se construa sobre ele uma camada que repousa sobre o imaginário, partindo da superstição popular. É o que ocorre com a lenda do Anselmo. O homem místico que foi encantado e que desceu ao rio para se transformar em uma Cobra Grande tem seus correspondentes na história e no imaginário da população amazonense.

Também pelos mesmos motivos a narrativa dos encantados surge dentro do imaginário popular. Perder-se nos rios, perder-se na floresta, normalmente de maneira misteriosa, exigia uma explicação, algo que nem sempre poderia ser depreendido das evidências fornecidas pelo mundo real. Daí a ideia de que aquele que desaparece no rio ou na mata foi encantado e levado para os meandros secretos do norte selvagem.

Não demorou para que o imaginário fosse extrapolado na literatura regional. Raul Bopp, um dos expoentes do Modernismo brasileiro, lançou a mão desse substrato imaginário que as lendas do povo do Norte fornecem para construir *Cobra Norato* (1931), uma das lendas mais conhecidas acerca das serpentes lendárias que habitam as águas do rio Amazonas.

Raul Bopp, nasceu na Vila Pinhal- Rio Grande do Sul, em 04 de agosto de 1898. Foi poeta, cronista, jornalista e diplomata brasileiro. A partir da publicação do poema narrativo de *Cobra Norato* (1931), que foi inspirado em sua ida à Amazônia e tornou-se uma das melhores realizações do movimento Antropofágico, irei corroborar minha pesquisa entrelaçando as relações entre *Cobra Norato* e Anselmo, tornando-se uma das minhas principais fontes a serem utilizadas. Uso, abaixo, uma citação da obra mencionada:

Esta é a floresta de hálito podre parindo cobras, rios magros obrigados a trabalhar a correnteza se arrepia descascando as margens gosmentas, raízes desdentadas mastigam o lodo, num estirão alagado o charco engole a água do igarapé, fede o vento mudou de lugar, um assobio assusta as árvores, silêncio se machucou, um berro atravessa a floresta, chegam outras vozes. Quem é você? – Sou a Cobra Norato. (BOPP, 1931).

A lenda em torno da qual a história é estruturada, refere-se a partir da antropofagia, quando a Cobra Norato abandona sua escama à margem do rio e é invadida por um jovem, neste momento acontece a fusão desses dois seres, não muito distante da figura de Anselmo, onde ao

---

<sup>12</sup> A Festa do Guaraná é um evento anual que acontece na cidade de Maués, no Amazonas, nos dias 28, 29 e 30 de novembro, marca a época de colheita do fruto do Guaraná.

ser encantado para cair no rio, o seu corpo faz-se morada da Cobra Grande, anunciando-lhe ao leitor que ambos entrarão num clima de encantamento. Vejamos: “Um dia/ hei de morar nas terras do Sem-Fim/ vou andando caminhando, caminhando/ me misturo no ventre do mato mordendo raízes/ (...)/ Vou visitar a rainha Luzia/ quero me casar com sua filha.” (BOPP,1994, p.3).

Neste trecho percebe-se uma proposição em que o protagonista percebe sua condição híbrida “homem-cobra” e expressa o desejo de reparar a condição humana; movido pelo desejo erótico, ele continua em busca da filha da rainha Luzia, figura lendária da Amazônia e planeja se casar com ela. Sua narrativa lança a mão de uma mistura entre o gênero épico e o imaginário local para dar à luz a um herói que se envolve com a mística do Norte.

Neste mesmo espírito, os contos de Arthur Engrácio, em 20 contos Amazônicos (1986) e sobretudo distribuídos em antologias da literatura amazonense que datam desde a década de 90, agora no território da prosa literária, também oferecem um referencial dentro da produção literária amazonense sobre a maneira como a academia cristalizou as inúmeras narrativas populares sobre os encantados e sobre a grande serpente:

\_ Um tal de turista pra quem eu contei a estória da Cobra Grande, que ficou num jeitinho safado, me olhando de viés, rindo pelos cantos da boca, pondo dúvida no meu relato. Essa gente lá do sul, cheia de bondades e sabença, tem a mania de ironizá tudo que nós contamos que acontece aqui neste mundão de terra e água onde a gente vive.

[...]

\_ Mas, ele disse na tua cara que era mentira, cumpadre?

\_ Não, mas deu a entender.

\_ Mas, que coirão velhaco, heim? E essa história de Cobra Grande como foi, que eu não sabia?

\_ Não sabia não... Eu não gosto nem de me alembrear. Foi uma coisa horrível, a modo que ainda tou vendo a bicha limenta e escamosa se afundando no meio do lago!...

[...]

\_ Quando acordei, nem lhe conto.

\_ Conte lá, cumpadre; agora tu não pode parar.

\_ Nunca tinha visto uma assombração daquela. Aonde que eu tava? Será que eu não tava ainda dormindo: que aquilo não era um pesadelo? Me perguntava azoretado. Me dei vários beliscão pra ver se não tava de fato dormindo. Tava não. Era a pura realidade entrando nos meu olho e na minha cuca.

\_ Nossa mãe!... e aí cumpadre?

\_ Que tava eu pra fazer? Me assentei no banco da canoa e fiquei pensando como foi que a maldiçoada me engoliu eu não senti? O espinhaço da cobra parecia a cumieira do barracão do sêo Januário: as costela não tinha que tirar nem por as cavernas do batelão do turco Salim, que veio buscar a castanha do sêo Manoel Cara Dura e que nós ajudemos a carregar. Tu ainda te alembra?

\_ Ora, se me alembra!

[...] Ajuntei depressa um monte de gravetos, coloquei no fogareiro, na proa da canoa e toquei fogo. Se formou um enorme fumaceiro, que foi envolvendo aos pouco a barriga da serpente, te chegar no pulmão. Aí, como já tinha previsto, forçada pela fumaça, a bicha deu uns espirro medonho, escancarando a bocona que não tinha mais tamanho. Foi justamente nessa hora que me safei, cumpadre, levado de roldão pra fora pelo espirro da maldita.

\_ Foi muita sorte tua, cumpadre!

\_ Só sorte? Sorte e os poderes da Virge Santa, cumpadre, senão eu não tava aqui te contando a história (ENGRÁCIO, 1986, p.81 a 84).

Nesse ponto, é importante dizer que as narrativas literárias sobre esses elementos do imaginário amazonense são apenas uma fatia daquilo que existe culturalmente sobre este assunto. Desta forma, cabe fazer referência a Sicsu (2009, p. 26) quando ela cita:

A literatura Amazônica é rica em elementos simbólicos, cujos significados só se apreende a partir da realidade desse espaço. Se em outras culturas a presença de gigantes se ilustra a figura de monstros, baleias, dragões, na Amazônia, esses gigantismos são ilustrados pela presença da floresta, do rio e da temida e respeitada Cobra Grande, também conhecida como boiuna, personagem de inúmeras narrativas da literatura amazonense (SICSU, 2009, p. 26).

Corroborando com SICSU, o professor e pesquisador Aldemir Bentes<sup>13</sup>, em um trecho do seu livro *Maués Contos e lendas*<sup>14</sup>, já na terceira edição, publicado em 2007, menciona a lenda do Anselmo como “O Encantado”. E vale ressaltar que durante o processo deste trabalho, esse livro foi o único material impresso que obtive contato direto, durante a pesquisa de campo, o qual encontra-se na biblioteca da UEA em Maués-AM. Registro da capa abaixo:

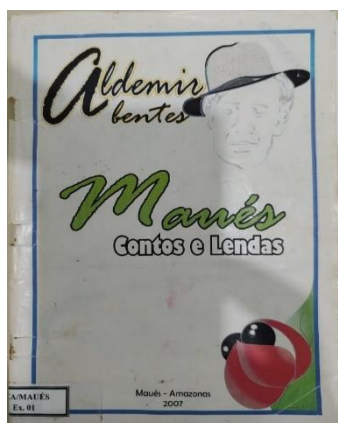


Figura 01 – Maués Contos e Lendas  
Arquivo pessoal

Em uma conversa informal com o Seu Aldemir, sobre a existência de outras publicações referentes à Lenda do Anselmo, ele afirmou que “não havia nada escrito, só na oralidade”. Como ponto significativo desta pesquisa, pontuo o trecho escrito pelo professor e pesquisador Aldemir Bentes:

<sup>13</sup>Professor, pesquisador e escritor. Criador do Portal Mawé <https://aldemirbentesmaues.blogspot.com/>

<sup>14</sup>“Maués, Contos e Lendas” são fragmentos compostos ao longo dos anos, retratando de maneira prazerosa a vida cotidiana de seu tempo, mostrando os costumes, as histórias, as histórias e a vida na pequena Maués.

Na cidadezinha onde nasci, Maués (no Médio Amazonas), na década de vinte (1920), nasceu um robusto menino. Quando sua mãe engravidara, ele chorava repetidas vezes, no seu ventre, alternando esse acontecimento, ora de dia, ora de noite.

Nesse tempo, quando Dona IAIÁ MACÊDO começou a sentir dor de filho, seu marido JOSÉ MACÊDO, correu a chamar a Senhora JOANA PAZ, parteira afamada da região, para partejar. Debaixo de um enorme temporal, precisamente ao meio dia, veio ao mundo o Sr. ANSELMO MACÊDO.

Uma espécie de mágico-curandeiro (no entanto, não incorporava), desde criança, tinha qualidades sobrenaturais. Profundo conhecedor das curas milagrosas e ervas medicinais. Partejava, benzina quebranto, rezava e costurava rasgadura (luxação), alocava ossos (pegador de dirmintiduras) tirava mau-olhado, rezador por excelência de dor de cabeça, curava mordida de cobra com sua própria saliva. Fazia todos os remédios com produtos da floresta.

Afamado “Dr. Raiz” via o passado, futuro e advertia o presente. Todo maueense um dia precisou dos favores terapêuticos ou da medicina alternativa do Sr. Macêdo.

Era muito querido e popular, como se diz por estas bandas,” mais conhecido do que farinha”.

A criança o adorava, viviam a cercá-lo. Fazia pião, jogava bolinha de gude e empinava papagaio de papel com a meninada, contava tio XISTO CARNEIRO.

Residia à Avenida Dr. Pereira Barreto nº 127, antiga Câmara de Vereadores, e sua família possuía um sítio na costa de Vera Cruz. Exímio pescador, conhecedor dos “cóios” e bibocas dos lagos, lagoas, igapós, restingas, furos, paranás e cabeceiras de rios. Trajava caça grossa de mescla ou brim, camisa manga comprida, também grosseira. Na cabeça usava um enorme chapelão de muru-muru, estatura média, de cor morena, os olhos sempre avermelhados, querendo saltar a qualquer momento (parecidos com os olhos do pássaro “Ticuã”), talvez devido estar bebendo uma cachacinha e fumar cigarrinho “tawari”. Era um grande gozador e brincalhão. Costuma andar sempre com uma, duas, três ou mais cobrinhas ocultas. As mesmas eram adestradas pelo próprio, tinha o hábito de enfurecê-las e a qualquer momento, parecia querer saltar em cima de alguém. No entanto a um sinal seu, elas voltavam a seu estado normal. Punha sobre a rua da frente às respectivas cobras e realizava memoráveis “pegas” entre as mesmas, que passavam a rastejar o mais depressa possível, na grande pista improvisada. Uma similar fórmula 1 de corridas de cobras, em plena Maués. Era a maior diversão de Anselmo e do povo da época.

Transformava folha de árvore em dinheiro e vice-versa. Era cheio de truques e peripécias, excelente gozador.

A boca da noite costumava bater papo até alta hora da noite na calçada da casa da Sra. Maroca Patacho Benchaya, se embalando na cadeira de embalo à luz do lampião.

Um certo dia, atravessando o Rio Maués-Açu, em plena luz do dia, entre a Ponta da Maresia e a Ilha de Vera Cruz, em frente à morada do Sr. José Paraibano, pai de Zezinho Paraibano e Piró, Anselmo sumiu.

Pescadores e camponeses, saíram a sua procura. Jogam tarrafa, fazem arrastão, fazem a simpatia da cuia. Nada, não encontraram seu corpo, somente localizaram remo, chapéu e sua canoa, mais uma vez afirmo, nunca encontraram o corpo de Anselmo, simplesmente desapareceu.

A partir daquele dia fatídico, passou-se a acreditar que o Sr. Macêdo não morreu, simplesmente se encantou, preferindo morar no fundo do rio em forma de cobra grande.

Quando os pescadores passam perto do lugar onde ele sumiu, pede em voz baixa para ser desencantado por um homem que tenha coragem de colocar em sua boca (depois do terceiro banzeiro), uma certa porção de leite de vaca preta e de leite materno. Segundo sua vontade, “encorporado” em Velha Dalva – curandeira da cidade – Anselmo disse “não mais querer se desencantar”, preferindo residir no fundo no rio.

As pessoas crêem que de vez em quando, o Sr. Macêdo aparece em forma de homem, todo de branco, boto e cobra grande. Seus locais preferidos são a praia Ponta da Maresia e praia do Lombo. Visita os bailes, passeia pelas ruas da cidade em alta hora da noite. Muita gente jura que já o avistou nas noitadas, principalmente após a meia-noite. Todo bem informado maueense sabe contar uma estória do Sr. Anselmo ou já ouviu algo a seu respeito. Dizem que quando se “engera” para cobra grande, sua cabeça fica embaixo da praia Ponta da Maresia. Atualmente “baixa” nos terreiros e

searas de: Velha D'alva, Mãe Preta, Pai Saravá, Pai Anastácio, Pai Carombé, Pai Manelão e outros.

Como acabamos de ver neste pequeno relato, que o Sr. Anselmo Macêdo, continua em sua trajetória a trilhar o caminho do bem, a sua maneira de ser e do que é. Pura credence popular vai Anselmo, sua alma continua na alma do povo do lugar. (BENTES, 2007, p. 23 e 24).<sup>15</sup>

As lendas sobre os encantados e sobre a cobra grande tem o seu início na tradição oral, contadas de pai para filho, de mãe para filha, de avós para netos, pelos beiradões do estado do Amazonas, sendo representadas em festejos regionais, comunidades rurais e festas populares. Esse substrato do imaginário amazonense é uma herança das diversas culturas que fluíram para o Norte no intuito de “civiliza-lo”. Como aponta Samuel Benchimol em *Amazônia: Formação Social e Cultural*:

“Essas maneiras do ser regional encontram-se com outros modos, jeitos, crenças e valores alienígenas que, ao se amazonizarem, foram perdendo parte de suas identidades originais, adquirindo conhecimento da região e criando novos padrões de comportamento e conduta tropical, mais suave e menos rígidos” (BENCHIMOL, 2009, p.28)

Estudar a transição da figura histórica de Anselmo para o seu referente no imaginário do povo mauesense é trabalhar com que Jacques Le Goff chama de história do imaginário, isto é, a parte da produção histórica humana que está conectada ao seu substrato cultural, ou até mesmo sob o inconsciente coletivo, que dá luz a parte ao que chamamos de imaginário. Também se trata da representação e das tentativas de explicação do homem acerca daquilo que não tem uma explicação racional, são temas que flertam com a mística humana. É o mesmo historiador que afirma: “O imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito, mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra.” (Le Goff, 1980, p.12).

A maneira de se atingir o substrato imaginário de maneira mais contundente é catalogado a partir de sua fonte, a oralidade. Nesse sentido, para compreender o trânsito do Anselmo real para o Anselmo da lenda, é essencial a busca na fonte do mito, os contadores de história da cidade e as pessoas que conviveram com ele. Dentro do município há pelo menos três versões diferentes para a vida dessa personagem, com alguns elementos em comum, mas

---

<sup>15</sup> Fonte de Pesquisa: Almir Gomes de Almeida (em memória), Aldemir Bentes, Antenor Dôce, Joana Paz (em memória), Guiomar Maciel, Luzia de Macêdo (filha de Anselmo), Esmael Pinheiro, Flora Benchaya (em memória), Maura Leite, Xisto Carneiro (em memória) e Waldo Mafra Carneiro “Barrô” que com carinho e amizade, cedeu gentilmente

com naturezas distintas. A primeira versão que eu ouvi foi contada pela minha avó, que consiste no desaparecimento de Anselmo na Ponta da Maresia, ao ir pescar, e quando pulou na água não retornou mais. A segunda versão, do seu Aldemir Bentes (2024), nos conta que o Anselmo ao atravessar o rio Maués-Açú – de canoa – vindo da Comunidade de Vera Cruz<sup>16</sup> para Maués, ele desapareceu, fizeram buscas e só acharam a canoa, o chapéu e o remo, além disso, também, versão do seu Aldemir Bentes (2023) muitos moradores de Maués acreditam que Anselmo tornou-se o encantado e foi morar embaixo do rio, a convite de outro encantado, pois descrevem que embaixo desse rio existe outra cidade e que lá ele seria a cobra grande guardiã. Acredita-se também, que Anselmo até hoje busca um sucessor, pois ele precisa descansar. Por isso, não é incomum, ver a praia da maresia, à noite, vazia.

### **Considerações Finais**

Conhecer os mitos de um povo é conhecer a sua identidade e o processo pela qual se constrói a própria cultura. Embora as narrativas lendárias não possam ser equiparadas à história produzida através de evidências reais, não se pode negar que elas cimentam os laços de uma comunidade e o senso de pertencimento dos indivíduos nela inserido.

Ao investigar a vida e a lenda do Anselmo no Município de Maués, foi possível deduzir a maneira como esses contos são construídos com o passar do tempo. O processo de transcendência da figura histórica da cidade – Anselmo – para a sua figura no imaginário mauense pode ter o mesmo caminho narrativo que deu origem a tantas outras figuras lendárias ao longo da história.

Investigar esses elementos tem como principal dificuldade o distanciamento temporal entre os fatos investigados e o pesquisador, não foi diferente na tentativa de reconstruir a figura histórica e imaginária de Anselmo. A maior parte das pessoas que tiveram contato, em vida, com o Anselmo Macêdo do município de Maués, faleceram e nem parentes distantes foram encontrados durante esta pesquisa.

Existem diferentes versões da lenda, coube a esta pesquisadora sintetizar a melhor maneira possível daquilo que lhe foi contado. É evidente que um aprofundamento acerca desse fenômeno histórico e imaginário precisa ser feito, trabalho para o futuro.

Por fim, me comprometo que este artigo, que considero apenas meu primeiro ensaio, possa ganhar, daqui direções científicas minuciosas da Lenda do Anselmo, que este trabalho

---

<sup>16</sup> Uma Comunidade do município de Maués.

possa ser publicado e compartilhado na minha cidade. E que meus medos e receios de não entrar no Rio Maués Açu após as 18H possa tornar-se um diálogo em movimentos.

## Referências

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação cultural e social. Manaus: Editora Valer, 2009.

BENTES, Aldemir. **Maués, Contos e Lendas**. 1º Edição- 2007- Maués-Amazonas- produzido artesanalmente pelo autor.

BOPP, Raul. **Cobra Norato**. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

**Contos tradicionais do Brasil**/ [compilado por] Luís da Câmara Cascudo. – 13 ed. – São Paulo: Global, 2004.

ENGRÁCIO, Arthur. **20 contos Amazônicos**. Edição Puxirum, 1986.

FERREIRA, Antônio Celso. **Literatura. A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla B. Luca, Tania Regina. O historiador e suas fontes. SP: Contexto, 2011, p.61-91.

GARANTIDO, Boi-Bumbá. **Quando Honorato lutou com Caninana** (toada). Compositores: Alfredo Campos, Cíntia Mesquita, Menciús Melo e Rubens Alves. Parintins-AM, 2022.

LAPLATINE, F. e TRINDADE, L. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LE GOFF, Jacques. **história e memória**. Tradução Bernardo Leitão; 5º edição; Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

REIS, José Carlos. Wilhelm Dilthey. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de história**: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.

SABOIA, Cíntia Bastos. **Narrativas Orais na Comunidade do Julião**. Dissertação e produto apresentados à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da

Universidade do Estado do Amazonas – UEA como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras e Artes. Manaus-AM, 2016.

### **Fontes das Entrevistas**

Aldemir Bentes. Entrevista realizada no dia 29 de janeiro de 2024. Através do aplicativo Whatsapp.

Gecilda Santana Alves Da Costa. Entrevista realizada no dia 06 de dezembro de 2022, localizada na rua parauri, número 1080, Edén. Maués-Amazonas.

Soraia Mcomb. Entrevista realizada no dia 11 de setembro de 2023, localizada na rua Petrônio Muniz, número 1165, Donga Michiles. Maués-Amazonas.

## **ANEXOS**

### **Entrevista 01**

#### **Gecilda Santana**

-Boa tarde, dona Gecilda, me conte um pouco sobre a história do Anselmo.

-O que a senhora quer saber dele?

- Sobre a história do encantamento, sobre essa crença que muitos ainda acreditam nisso e tem medo da cobra grande.

- Claro, muita gente ainda tem medo da cobra grande, antes ele aparecia em forma de homem, vinha pras festas em maués, tomava cerveja lá no pavilhão do povo, pagava antes dele ir embora, guardavam o dinheiro tudinho no cofre, quando era de manhã que o seu Ferdinando, o dono do bar, ia fazer contagem do dinheiro era um bocado de folha, só era folha que tinha lá, e ele questionava mas como que isso foi acontecer, aí foi na terceira vez que isso aconteceu, ele contratou uma pessoa, quando foi de madrugada que ele foi embora, aí foi duas pessoas atrás dele, mas assim distante, quando chegou lá na esquina do Magaldi, aquele homem desceu assim pro lado do porto, fazendo a manobra dele, aí foram ver ele já ia se arrastando, já era cobra, aquela cobra grande mesmo, grossa, foi e que caiu n'água, quando caiu n'água deu uma ventania muito forte. E a casa da mãe dele era bem em frente à loja do Magaldi, onde ele dobrava pra cair n'água naquela esquina, e ela sabia quando ele vinha lá, ele trazia bonitos peixes, partia lenha que amanhecia cheia debaixo do fogão dela, só não fazia tratar do peixe, mas colocava em uma bacia com água e deixava lá, ele ia se deitar e dizia pra mãe dele que não queria que ninguém passasse pra ver o quarto que estava dormindo, mas a dona Judite, cunhada dele, muito interessada em saber o que é que tinha nesse homem pra ele só dormir só ele e todo trancado, aí ela pegou a escada bem devagarzinho e botou assim do lado do quarto, depois de todos estarem quietinhos, cada um na sua rede, outros em sua cama, ela subiu na escada bem devagar, e foi olhar, quando ela olhou pra baixo do quarto que ela viu um monte de cobra, um montueirão mesmo da cobra, ah ela desceu e foi contar pro marido dela, aí ficaram de plantão lá na porta do quarto deles, quando deu meia noite, ele se acordou pra lá, aí ela ficou com medo de ir olhar, não demorou ele conversou pra lá com a mãe dele dizendo que já ia e falou que amanhã não viria, mas quando tiver que vim iria lhe avisar.

- E como foi a origem dessa lenda, como foi pra ele se transformar na cobra grande?
- Bom, um belo dia, antes dele almoçar, isso já ia dar onze e meia, ele pegou botou o chapéu na cabeça, desceu para o porto, aí foi lá pra Ponta da Maresia, chegou lá amarrou a canoa dele no araçazeiro, tirou a roupa dele, botou o chapéu com a copa pra cima e colocou a roupa dele do avesso dentro do chapéu, ele caiu n'água só de cueca, ele caiu n'água que não voltou mais até agora, ele sai assim nas noites, sempre nas noites que ele sai dá um temporal forte.
- Então a senhora conheceu mesmo o Anselmo, a família deles, a casa deles?
- Eu conheci. Eu morava bem perto da casa da mãe dele, a mãe dele se chamava Yayá Macedo e o nome dele Anselmo, desde que eu o conheci na casa dele já se chamava Anselmo, não é nome de encanto não, com certeza era Anselmo Macedo também.
- E a casa deles hoje em dia como é o estado dela?
- Bom, demoliram aquela casa, hoje é uma empresa lá, não sei dizer mais o nome porque foi o tempo que eu sofri esse acidente e não consegui mais andar, mas sei que está bonita porque fizeram uma nova casa, agora é uma empresa.
- E o parentesco dele?
- Não tem nenhum mais em maués, uns foram embora pra Manaus, se mudaram daqui.
- Me conte também sobre o método que já falaram que tem como desencantar ele.
- Bom, dois policiais que encontraram com ele como homem né, aí ele falou pra ele se eles queriam ser ricos, ai eles falaram poxa vida se eu pudesse eu ficaria, aí ele disse não se você quiser ficar rico, vá hoje mesmo lá na Ponta da Maresia, leve meio litro de leite materno, fique com a água até no seu umbigo, irá vim três ondas, a primeira é um pouco forte, a segunda já mais forte ainda e a terceira é bem forte, que é onde eu venho, o policial foi lá, arranjou o leite e foi, quando ele viu a primeira onde que bateu nele, ele sentiu aquele fedor de peixe, ele ficou com medo, quando veio a segunda ainda nem tinha encostado nele, ele saiu da água, jogou o leite e correu e não voltou mais lá, no outro dia o Anselmo veio lá falar com ele que fosse lá de novo que ele estaria lá, aí ele disse que não iria não que ele não queria mais ser rico, ele ficou com medo e também deixou ele de mão.

## **Entrevista 02**

### **Soraia Mcomb**

- Olá, dona Soraia poderia partilhar um pouco do seu saber sobre a história do Anselmo?
- O Anselmo era filho da dona Yayá Macedo, eu sei que ele era afilhado da minha bisavó, acho que ele tinha mais ou menos a idade da minha vó externa, já era pra tá com uns noventa anos por aí, o que eles contavam né, ele como pessoa que desde criança muito alegre, muito brincalhão e que já tinha sim umas coisas, como se fosse dom de hipnose, eu acredito que seja que fosse hipnose, pegava folha e a pessoa enxergava como dinheiro, enfim tinha essas brincadeiras, essas presepadas, aí cresceu foi ser pescador, sempre trazia muitos peixes, até que um dia ele saiu pra pescar e não voltou mais, ali na Ponta Maresia, naquele finalzinho da ponta, lá que encontraram a canoa só com o chapéu dele e ele nunca foi encontrado, aí depois veio as histórias, porque depois que ele sumiu né, só reapareceu na Ponta da Maresia vezes como humano, vezes como cobra grande, enfim tem muitas histórias. Eu lembro que ali onde é o Banco do Brasil, tinha umas casas da dona Mundoca, e meia noite eles gostavam de sentar ali na frente pra conversar, até que um dia a dona Mundoca estava com muita dor de cabeça, aí reclamou pra comadre dela que estava conversando com ela sentada em frente da casa, e disse que estava com muita dor de cabeça que já tinha tomado remédio e não passava, aí ficaram conversando lá, nisso quando viram parou um homem lá e pediu um copo d'água, aí a menina que trabalhava com a dona Mundoca, que morava lá com ela foi pegar água e deu pra ele, ele disse não é pra ti Mundoca toma essa pastilha aqui que a tua dor de cabeça vai passar, aí ela perguntou como ele sabia que ela estava com dor de cabeça, e ele respondeu que simplesmente

sabia, mandou tomar o remédio que ela iria ficar boa agora mesmo, ela ficou meio assim e tomou, tentando lembrar de onde ela conhecia ele, nisso ele cumprimentou e foi embora, quando viram ele desceu naquela escadaria da casa Faraco e foi embora pra lá, aí eles ficaram esperando ele retornar até tarde, mas não retornou mais e a dor de cabeça dela passou na hora, na hora que ela tomou, passou. Iae virou essa lenda né, mas ele virou lenda justamente por ter esses dons paranormais, ele tinha esses dons.

## **Entrevista 03**

### **Aldemir Bentes**

- Boa tarde, seu Aldemir. Me conte um pouco sobre seu saber da lenda do Anselmo. Como foi a origem dessa lenda? Você tem um livro chamado Maués Contos e lendas que retrata um pouco sobre esse engeramento. Qual foi o ponto de partida que lhe fez escrever sobre? Ao decorrer da escrita, foi difícil encontrar documentos, fontes, referências, fotografias sobre esse encantamento?

- Boa tarde, Geovana. Eu vou aqui responder essas perguntas, a primeira pergunta sobre a lenda do Anselmo, como que eu soube. Essa lenda, que virou lenda né, é uma história muito antiga dos antepassados, então Anselmo era pescador, ele tinha outros irmão e irmãs, eles moravam do outro lado, na Vera Cruz, que é o outro lado da cidade do rio Maués-Açú, onde fica a cidade de Maués. Contam as pessoas da época que ele era uma espécie de curandeiro, ele rezava, pegava dismuntidura, fazia remédios caseiros e fazia cobra aparecer, era um ilusionista nato né. Então aí quem me falou dessa história, que segundo ela conheceu Anselmo, foi a dona Zenoca, essa senhora quando eu entrevistei ela devia ter uns setenta e poucos anos, e já é falecida, então ela que me despertou essa ideia de escrever sobre o Anselmo, que muitos falavam no Anselmo, mas a gente não tinha assim os dados, então nós entrevistamos também um grupo de amigos, o senhor Adolfo Carneiro e seu Xisto, ambos falecidos. Ele descreveu mais ou menos o que ele viveu na época do Anselmo, aí foi como que originou essa lenda, contam as histórias antigas que o Anselmo, ele atravessando o rio Maués-Açú da Vera Cruz pra cá pra Maués, ele sumiu, aí procuraram, fizeram buscas e só acharam a canoa dele, o chapéu e o remo dele e nunca foi encontrado o corpo dele, então aconteceu que como ele fazia aqueles ilusionismo, rezava então se atribuiu a ele que ele se tornou encantado, encantado é aquele que vai pro outro plano lá, dizem que embaixo desse rio tem outra cidade, os botos lá são pessoas, os peixes lá são pessoas, então Anselmo teria se transformado em uma cobra grande e ele habita a ponta da maresia que é uma praia muito importante, a mais importante que tem aqui em maués, que na seca ela sai, ela vai lá no meio do rio e quando enche ela some. Então ficou essa lenda, a mãe dele era a dona Iaiá Macêdo, a casa do Anselmo era próximo, onde tem a agência do Bradesco, na Dr.Pereira Barreto, na principal rua de Maués, era lá, onde a dona Iaiá, mãe do Anselmo morava. E sobre meu livro Maués Contos e Lendas, eu relato lá, o relato do senhor Adolfo Carneiro, do seu Xisto que era conhecido na cidade, que ele conta que o Anselmo fazia disputas com as cobras, botava as cobras pra disputar tipo uma corrida entre cobras, fazia folha se transformar em dinheiro, ele era cheio de malabarismo, por isso, acredita-se que ele ficou encantado.

- Agora documento, documento nós não temos né, só mesmo esses relatos dessas pessoas, mas o senhor Anselmo, que é da família Macêdo, ainda tem alguns bisnetos dele aqui por maués, eu não conheço nenhum, mas eu sei que existe porque já me falaram, mas acho que pouca coisa sabe sobre seus antepassados.

Dizem que ele baixava através de curandeiros, das seções espíritas, ele também se apresentava, se incorporava no corpo dos macumbeiros, dos médiuns da cidade, aí eles diziam que recebiam

o Anselmo, e outras contos que tem sobre ele, ele se transformava em pessoas e vinha dançar pelas festas, nos bar, sempre de chapéu branco, roupa toda branca. Então essa é a imagem contada pelas pessoas que juram ter visto Anselmo, então é isso que eu tenho pra contar sobre o Anselmo, a fonte de referência realmente é a dona Zenoca, e algumas pessoas antigas como seu Adolfo Carneiro e a maioria das pessoas já são falecidas e isso ficou no inconsciente das pessoas de maués sobre o Anselmo.